



Queimando livro aberto, 1 de agosto de 2018. Lancaster, United States.
Fotografia de Freddy Kearney, disponível gratuitamente em:
<https://unsplash.com/pt-br/fotografias/queimando-livro-aberto-enkfvvZkKv0>.

Tudo - Parte 2: Por que toda arte vira negócio? [Todo - ¿Por qué todo arte deviene negocio? Parte 2]

Rafael Spregelburd

2009

Trad. Ana Lúcia de Paulo Superchinski, Carol Fukuda, Evair Eduardo Souza,
Paloma dos Santos Schlemper.¹

Traduzido parcialmente a partir de: SPREGELBURD, Rafael Adrián. *Todo*.
Buenos Aires: Atuel, 2011.

“Tudo” (ou “Todo”, no original) é uma peça composta por três atos do dramaturgo argentino Rafael Spregelburd, que é também produtor, diretor, ator, tradutor e, recentemente, foi eleito para a Academia Argentina de Letras. Suas obras ganharam prêmios ao redor do mundo, como o prêmio Tirso de Molina. Os três atos da peça “Tudo” (Burocracia, Negócios e Superstição) abordam temas comuns da sociedade com ironia e sagacidade, sem um fio condutor único e óbvio, os três atos são independentes, mas possuem alguns personagens em comum e a necessidade de questionar a identidade de todos.

¹ Ana Lúcia, Carol, Evair e Paloma são discentes do curso de bacharelado em Letras na Universidade Federal do Paraná. Os respectivos e-mails são: ana.paulo@ufpr.br; carolinefukuda@ufpr.br; evaireduardo@ufpr.br; schlemperpaloma@gmail.com.



Escolhemos para esse projeto de tradução um fragmento do segundo ato, intitulado *Negócio*, que tem a seguinte indagação como subtítulo: “Por que toda arte vira negócio?”. Neste ato, acontece uma comemoração de Natal na casa de Nelly, em que ela reúne seu ex-marido, Ricardo Del Mónico, seu filho Enzo, seu irmão Fano e seu colega de escritório e affair Omar. Fano traz também sua namorada, Dai Chi, a suposta coreana que diz não saber uma palavra da língua que eles falam. O que era para ser um momento familiar acaba se transformando em uma sucessão de revelações, que têm como papel central os interesses conflitantes dos personagens, alguns deles condenáveis, desvendando a selvageria por trás das tentativas de civilidade.

Spiegelburg escreveu “*Todo*” para o festival de teatro da Alemanha “*Digging deep and getting dirty*”, em 2009, que celebrava os 20 anos da queda do muro de Berlim. O tema desta mostra articula o que acontecia em diferentes países durante a queda do muro, e Spiegelburg foi o único latinoamericano dentre os cinco dramaturgos convidados. Mesmo não acreditando no conceito de pátria, o argentino lançou a seguinte provocação, que centraliza seu país nesse debate: “O que aconteceria se a Argentina lançasse uma mostra de teatro pedindo para que outros países dissessem o que estava acontecendo neles quando aconteceu a derrocada argentina, em 2001, com a falência dos bancos?” (Spiegelburg, 2011, p. 10).

Sim, Spiegelburg é contestador. Em conversa com o autor por e-mail, ele nos contou sobre a presença de filósofos, que nem desconfiávamos, na sua escrita. Além de Hegel e Lacan, há uma presença constante de Žižek, filósofo esloveno que faz uma leitura hegeliana de Marx. A personagem mais difícil para a tradução, como o autor previu, foi a suposta coreana Dai Chi. Ao mesmo tempo em que se apresenta de forma ambígua, performando uma figura deslocada linguística e culturalmente, também é a narradora onisciente da peça. Dai Chi fala um idioma inventado, uma mescla de diferentes fonemas de países do leste asiático, e para a tradução procuramos em português palavras que soassem bem tanto com o texto original quanto com esses diferentes idiomas, procurando não perder o humor crítico, muitas vezes escatológico. Os outros personagens, apesar de “normais”, também tinham seus desafios: o diálogo na Internet entre Enzo e seu amigo, o pedante artista Fano, o professor Del Mónico, Omar, Nelly... Todos representam diferentes registros de linguagem,



que vão desde o chulo, até o internetês, gírias adolescentes e registro extremamente culto. Como diz o título da peça, “Tudo”, aqui entra tudo mesmo: a produção da arte depois da queda do Muro de Berlim e sua mercantilização, globalização, educação filosófica nas escolas, conflitos intergeracionais, vício em Internet, pedofilia, burocracia, divisão entre superar um amor e atraí-lo de volta etc. Com isso, captar todas essas nuances e camadas de complexidade foi um grande desafio de tradução.

Em tempo: a peça “Todo” teve uma montagem no Brasil, sob direção de Guilherme Weber, em 2022.



Todo - Parte 2: Por que toda arte vira negócio?

Rafael Spregelburd

Trad. Ana Lúcia de Paulo Superchinski, Carol Fukuda, Evair Eduardo Souza,
Paloma dos Santos Schlemper.

Data da tradução: 05/12/2025

PERSONAGENS

Nelly
Dai Chi
Narradora
Del Mónico
Fano
Omar
Enzo

CENA 1

É véspera de Natal. Na casa de Nelly, Enzo, seu filho, está trancado no quarto com o computador. Nelly está ocupada arrumando os últimos detalhes da ceia. Del Mónico mexe em alguma coisa na cozinha, fora do cenário. Durante a mudança de cena, vemos — em uma projeção — a conversa no Discord entre Enzo e seus amigos virtuais:

NZvirt10 – Aff, meu velho só anda com arrombado.

GhostRider – E daí?

NZvirt10 – Nem fudendo passo outro Natal com ele.

GhostRider – E ele já se mancou?

NZvirt10 – Vdd. Lancei pra velha que não vou.

GhostRider – Qual foi?

NZvirt10 – Um bando de quarentões, jogando pôquer a tarde toda e escutando música de corno. Caem de bêbados na piscina e os outros têm que sair catando. E ficam enchendo a cara tudo pelados até a roupa secar.

GhostRider – Parece engraçado.

NZvirt10 – Que nada. Um é psicanalista que sempre faz cena, sai com os bago de fora e com uma garrafa na cabeça dançando Calipso. Dá vontade de gorfar. Chamam esse puto de Pituco.

GhostRider – O que é Calipso?



NZvirt10 – Uma banda.

GhostRider – De velho?

NZvirt10 – Aham, paia dms.

GhostRider – Nem vai.

NZvirt10 – Nem fudendo, vou ficar em baia.

GhostRider – Fechou, e nós segue se falando

NZvirt10 – De repente todos vão colar aqui

GhostRider – Teu velho também?

NZvirt10 – Aham.

GhostRider – Soah.

NARRADORA – É véspera de Natal do ano passado. Vamos jantar na casa da Nelly. Não é uma ideia muito boa. Mas as festas de família são sempre assim, acabam deturpando tudo. Além disso, Nelly insistiu. Porque Nelly tem um plano. Um plano para resolver alguns de seus problemas básicos. Seus problemas básicos têm a ver com seu ex-marido, Ricardo.

NELLY – Ricardo, não posso nem te pedir um favor?

DEL MÓNICO – (*Lá da cozinha*) Mas você me largou aqui sozinho com essa faca elétrica, como se eu soubesse das coisas. Enzo!

NELLY – Mas eu nem sei qual deles é o cabo e qual é a lâmina... tem dentes dos dois lados. (*Sai em direção à cozinha*)

NARRADORA – Seu ex-marido é professor de filosofia. Se chama Ricardo Del Mónico, vamos ver ele sair por essa porta em alguns segundos. Uma vez escreveu um livrinho e até conseguiu publicar: uma leitura de Hegel, mais didática que crítica e dizem que os professores do ensino médio adoraram. Parece que Hegel é muito complicado.

Nelly e Del Mónico discutem na cozinha.

NELLY – Pra você tudo é complicado!

Nelly volta trazendo pratos de comida.

NARRADORA – Mas esse livrinho “Hegel vai à sala de aula”, é mais acessível e supostamente teve seu auge lá nos anos 80. Desde então, Ricardo se apresenta pelo seu sobrenome, Del Mónico, esperando ser reconhecido e que todos digam “muito bom, parabéns”.



DEL MÓNICO – *(Aparece, lutando com a faca)* Só porque eu sou homem, não quer dizer que eu sei lidar com essa ferramenta. Aliás, nem é uma ferramenta, é um utensílio de cozinha... coisa de mulher. Enzo! Você pode ajudar o coitado do teu pai?

NARRADORA – Agora ele dá aula de filosofia em um colégio de freiras, em uma turma só para meninas. O programa da matéria é enganoso, uma teologia com tempero filosófico.

DEL MÓNICO – Enzo! Pode sair um minuto desse computador e me ajudar a arrumar a mesa?

NARRADORA – O grau de tempero dessa catequese disfarçada depende da habilidade do professor.

Enzo responde alguma coisa do seu quarto, algo que não é possível entender.

DEL MÓNICO – Como assim “trouxa”? Perdeu o respeito comigo? Como assim “essa não é minha casa?” Não brinca com a sorte! *(Senta-se para folhear o manual de instruções da faca elétrica)*

NARRADORA – Ricardo faz as meninas lerem “A origem das espécies”, do Darwin, dando a entender que acredita que esse livro é falacioso e manipulador...

DEL MÓNICO – *(falando do manual de instruções)* ...ah tá quebrada...

NARRADORA – ...mas elas lêem de cabo a rabo...

DEL MÓNICO – Já li tudo.

NARRADORA – ...e ele se encarrega de que suas alunas do colégio católico tenham ferramentas pessoais para refutar qualquer explicação mística sobre a nossa origem.

NELLY – Mas você colocou essa vareta na...?

DEL MÓNICO – Sim, Nelly, introduzi.

NARRADORA – Veladamente, com seu livrinho sobre Hegel, ele introduz em suas colegas os conceitos do marxismo, bem onde Marx é a palavra proibida.

DEL MÓNICO – Esse tipo de coisa deveria ser proibida.

NELLY – Mas é super prático. Ganhei com os pontos que somei no Carrefour.

DEL MÓNICO – Se é tão prático, vem você aqui e corta esse peru então.

NELLY – Eu heim, eu não.

DEL MÓNICO – Maravilha, se for pra alguém perder a mão melhor que seja eu então? *(Sai da cozinha)*

NARRADORA – O fato é que suas alunas não são nem católicas e nem ateias, são meninas atentadas, dispostas a se deixarem levar por qualquer professor de voz firme e que não use roupa de freira.

Enquanto escutam como Del Mónico fatia o peru, Nelly tenta acender as luzes da árvore de Natal. A tomada parece não funcionar.

DEL MÓNICO – *(Volta e observa as tentativas inúteis da Nelly)* Ainda não chamou ninguém para arrumar essa tomada? Um dia vai acontecer uma desgraça nessa casa! Todos fritos. Vou ficar sabendo pelas manchetes do jornal.

NARRADORA – O fato é que já faz três anos que Ricardo mantém relações com algumas de suas alunas.

DEL MÓNICO – Vai tudo voar pelos ares. *(Senta-se confortavelmente e de forma relaxada no sofá, para pensar em suas coisas)*

NARRADORA – Ricardo não consegue evitar ceder à tentação dessas insolentes, conectadas a seus celulares, que o desafiam com olhar felino e virgem cada vez que ele as introduz nas categorias de Kant. Pela primeira vez na vida, naquela escola insignificante, quando menos esperava, Del Mónico conseguiu encontrar seu lugar no mundo. “É provisório”, diz pra si mesmo. De qualquer forma, ensina filosofia no terceiro ano, então logo as jovens saem para o mundo real, e é muito improvável que esses namoros escandalosos sejam descobertos. Quando o ano termina, Ricardo continua se encontrando com elas apenas por mais algumas semanas.

NELLY – Ricardo... Você continua saindo com...?

DEL MÓNICO – Aham.

NARRADORA – E depois essas garotas pré-universitárias se esquecem dele. Se esquecem de “Hegel vai à sala de aula”, todas, cedo ou tarde, se esquecem dele: Lucila Díaz Caprone, María del Pilar Mendizábal, Loretta Vanini. Loretta... E agora, como em cada dezembro, quando o ano está acabando, Ricardo não sabe como fazer para não ser esquecido por essas meninas fugazes e enigmáticas, temerosas e desafiantes. Não ser esquecido pelo menos no verão, até que comecem as aulas e apareçam outros olhos ansiosos emoldurados pelas franjas curtas. Ao ver Ricardo com Nelly, é impossível imaginar algo em comum entre esses dois.

DEL MÓNICO e NELLY – Enzo!

NARRADORA – Claro: Enzo.

Enzo responde alguma coisa do seu quarto, algo que não é possível entender.

NELLY – Enzo, escuta seu pai e vista uma coisa bonita, vamos, que seu tio já vai chegar.

NARRADORA – Nelly e Ricardo têm um filho em comum, Enzo, apenas um pouco mais novo do que as criaturas com as quais Ricardo se entrega ao prazer no seu estúdio.

DEL MÓNICO – Ele vai se arrumar direito?

NELLY – Vou saber? Vai lá ver!

DEL MÓNICO – Vai você falar com ele.

NARRADORA – Ricardo ama seu filho Enzo loucamente. No entanto, o combinado de ver ele apenas nos fins de semana é ideal para poder se dedicar à sua crise de meia-idade: *(toca o celular de Ricardo)* Lucila, María del Pilar, Loretta... principalmente Loretta.

DEL MÓNICO – *(atende o celular)* Loretta! *(abaixa o tom de voz para falar com ela)*

NARRADORA – Ricardo foi se ausentando aos poucos e quando se deu conta, Enzo virou um nerd grudado no computador, um desconhecido para o mundo, menos para seus amigos virtuais. Ricardo enxerga seu filho como se fosse um tapado. Mas... o que podia fazer? Ele tenta se isentar da culpa. Agora, por exemplo, Ricardo tinha insistido que Enzo passasse o Natal com ele e os amigos numa chácara.

DEL MÓNICO – *(Escutamos fragmentos soltos de sua conversa com Loretta)* Em casa, boba. Onde mais eu iria passar o Natal?

NARRADORA – Enzo não suporta esses amigos do pai.

DEL MÓNICO – *(No telefone)* Fiquei relendo os clássicos gregos. *(Ele ri junto com ela de suas tiradas)*

NARRADORA – Enzo contou para Nelly que são uns intelectuais metidos que ficam bêbados em cinco minutos.

NELLY – Você já cortou o peru?

DEL MÓNICO – *(Para Nelly)* Fiz como deu. *(No telefone)* Minha ex. (...) É. Vou passar o Natal com meu filho. (...) Sim, da sua idade.

Nelly fica angustiada.

NARRADORA – Enzo disse para Nelly que disse para o Del Mónico que não ia. Como Loretta não ia estar disponível nessa data tão familiar, Ricardo insistiu em passar o Natal com Enzo. Nelly decidiu que todos passariam juntos.



NELLY – Se você prefere passar com seus amigos, vai lá, pode ir. Eu falo pro Enzo que você já tem outros planos.

Del Mónico faz sinais para que Nelly não o incomode.

Nelly perambula pela casa sem saber o que fazer.

NARRADORA – Nelly afundou por completo quando Del Mónico saiu de casa. Começou a tomar ansiolíticos e a canalizar todas as suas angústias no trabalho.

Nelly olha para Ricardo, checa se chegou mensagens no seu celular, tira a árvore da tomada, coloca de novo. Liga o rádio, que estala num volume estridente, desliga em seguida. Perambula. Não faz nada de útil.

NARRADORA – Mas a verdade é que o trabalho de Nelly é um tédio e não favorável à mudança. Nelly, toda hora, fala para si mesma que está preparada para retomar a vida. É assim que ela fala: “retomar” sua vida. No entanto, sempre que vê ele, percebe que ainda o ama.

DEL MÓNICO – *(No telefone)* Eu também.

NARRADORA – Ou ama a vida que tinha com ele, antes. Com isso, agora Nelly trata de se concentrar nesse caso com o Omar *(Nelly olha com impaciência para o quarto de Enzo)*. Omar é um colega de escritório, e apesar de não ter acontecido nada mais sério entre eles ainda, Nelly aproveita para que Del Mónico saiba através de indiretas que ela está “retomando” a vida. *(Nelly finge uma naturalidade ao sentar no sofá)* Nelly também convidou o seu irmão, Fano, para dissimular o verdadeiro propósito dessa noite, que é aparentar naturalidade ao lado de Omar.

Campainha.

NELLY – Ó, é o Fano!

Vai abrir a porta.

NARRADORA – Fano está o tempo todo fora do país, é um artista plástico de certo renome e sua vida privada é um pouco misteriosa. É um artista conceitual, faz anos que Nelly não vê um quadro seu. Fano não pinta quadros.

Entram Fano e Dai Chi. Fano traz um presente do Free Shop nas mãos. Fano e Nelly se cumprimentam com carinho.

NARRADORA – Se cumprimentam com carinho. Mas está claro que eles não têm muita intimidade. Nelly o considera excêntrico.

NELLY – Que é isso? Um presente?



NARRADORA – É Natal e Fano está na cidade. Nelly pensa que convidando mais gente sua estratégia de se exhibir para Del Mónico com Omar ficará mais natural. Eu, sem conhecer muito bem eles, já percebi que esta situação vai ser um caos. Tomara que não.

Nelly abre o presente.

NELLY – Massa importada.

FANO – Sim, não sabia o que você ia cozinhar.

NELLY – Ué, como não... Tem peru, coisas de Natal. Que que eu faço com isso?

FANO – O que você quiser, estamos em um país livre. O tempo da ditadura já acabou faz tempo. Essa é minha nova namorada: Dai Chi.

NARRADORA – E Dai Chi sou eu.

NELLY – Ela é bem mais nova que você.

FANO – Você reparou? Doze anos de diferença. Somos do mesmo signo do horóscopo chinês, sabia?

NELLY – Sério? Qual signo?

FANO – Sei lá, Nelly. É um jeito de falar. *(Vê Del Mónico, que continua no telefone com Loretta)* Meu amigo Del Mónico!

Del Mónico faz um gesto com a mão enquanto termina de falar. Se esconde na cozinha.

NELLY – É que esse ano é o ano do búfalo.

Fano faz uns sinais estranhos para Dai Chi. Imita um animal.

NELLY – O que você está fazendo? Ela é surda?

FANO – Não é isso. É que ela fala coreano. E não fala a nossa língua.

Dai Chi sorri, chacoalha a cabeça, une as mãos como em uma reverência e logo fala algumas sílabas na sua língua materna.

DAI CHI – Fa-lo pa-la-le-lo.

Dai Chi franze o nariz e finge morder uma noz. Não para de emitir sons silábicos indecifráveis.

NELLY – Que que ela disse?

FANO – Hum.

NELLY – Mas vocês conseguem se entender?



FANO – Esquilo. Não.

DAI CHI – La-to. La-to.

FANO – Rato, ela disse. Que é de rato.

NELLY – Ah, o signo mais inteligente. O rato foi o primeiro animal que chegou pra visitar Buda.

DAI CHI – *(Diz algo em coreano que soa perigosamente parecido com:)* me ca-go pa isso.

NELLY – Ricardo, desliga o celular e vem cumprimentar meu irmão!

FANO – *(Em voz baixa)* Ele se convidou ou você chamou?

NELLY – Enzo insistiu em passar o Natal com o pai, o que você quer que eu faça?

FANO – Poderia ter avisado.

NELLY – Por causa dos livros?

Del Mónico entra, vindo da cozinha.

DEL MÓNICO – *(Dá um cumprimento tenso)* E aí, como vai?

Pausa.

FANO – Bem.

DEL MÓNICO – Feliz Natal.

Pausa.

FANO – Sim.

DEL MÓNICO – *(Se dirige a Dai Chi e estende a mão)* Del Mónico, encantado.

Dai Chi se assusta um pouco com essa mão tão grande e tão perto, cobre o peito alarmada, dá um passo para trás e faz algum gesto oriental. Tudo é lamentável. Murmura algo que deve ser coreano, algo como:

DAI CHI – No to-ka te-ta pu-to!

FANO – É minha namorada. Coreana. Tem outros costumes. Não chegue tão perto...

DEL MÓNICO – *(Não acredita em uma só palavra, e é lógico, já que Dai Chi não tem nenhum traço oriental, mas opta por entrar na farsa civilizadamente)* Coreana?



DAI CHI – Poliana.

FANO – O nome dela é Dai Chi.

DAI CHI – Dai Chi.

DEL MÓNICO – Que legal. Como se fala Feliz Natal em coreano?

FANO – Não faço a menor ideia.

DEL MÓNICO – Bom... Feliz Natal.

NELLY – Lá não se comemora o Natal.

DAI CHI – Ta tu-do ca-lo.

NELLY – Enzo! Não vou falar de novo!

Sai Omar do quarto de Enzo. Todos olham para ele surpresos. Não sabiam que Omar estava com ele.

FANO – Sério? Como você espichou tudo isso tão rápido?

OMAR – Oi. Claro que não! *(Se apresenta)* Omar. Omar Castrilli.

FANO – Castrilli? Quem é ele? Seu novo namorado?

NELLY – Ai, por favor né, é só um amigo.

FANO – Olha só. Muito prazer, eu sou o Fano, irmão da Nelly. O caçula.

OMAR – O prazer é meu. Feliz Natal.

DEL MÓNICO – *(Se apresenta muito formalmente)* Del Mónico.

Pausa.

FANO – Não se apresente pelo sobrenome, não pega bem, Ricardo.

Falam juntos.

NELLY – Ele usa o sobrenome... o que acontece é que é autor de um livro...

DEL MÓNICO – Um livro sobre Hegel, mas isso não interessa agora...

NELLY – Isso, de filosofia, por isso se apresenta pelo sobrenome, é o pai do Enzo...

FANO – Um livro de... de...

DEL MÓNICO – *(Para Omar)* Sou o pai do Enzo. *(Para Fano)* Hegel.

OMAR – Ah sim, claro, o pai.



DEL MÓNICO – Sim, Enzo já é bem grandinho e tem maturidade para entender essas situações, não se preocupe.

OMAR – Quê?

DEL MÓNICO – Isso, que o Enzo já tem... Quanto anos ele tem mesmo, Nelly?

NELLY – Faça você as contas. *(Para Omar)* O que você tem aí?

OMAR – Não, não é nada...

NARRADORA – Omar tem o mesmo tanto de presença que de chatice...

OMAR – A verdade é que as coisas não deram muito certo...

NARRADORA – E um tanto tímido.

OMAR – É porque é Natal e eu queria trazer um presente, mas eu sou péssimo para calcular a idade das crianças, então...

NARRADORA – Sensível, mas sem noção.

NELLY – O que é?

OMAR – Ah não... Eu comprei um livro para ele, mas depois eu vi ele tão... maduro, daí fiquei sem coragem de dar esse presente, vou levar de volta.

FANO – Ele não é tão maduro. Posso ver?

DEL MÓNICO – “A vaca opaca”.

NELLY – Mas é um livro infantil...

OMAR – Bom, sim, mas a história é linda... É sobre uma vaca que é opaca, e por isso não dá para ver através dela. *(Pausa.)* E, por exemplo, ela se mete na frente de uma caixa de correio... E vem um carteiro... E quer enfiar a carta mas não vê a caixa...

DAI CHI – Va-ca xu-la.

OMAR – Não, a vaca não é uma pessoa má, mas como é opaca...

NELLY – Ah, sim, é melhor você levar mesmo.

OMAR – Sim, depois eu compro outra coisa pra ele, não sei... Tipo um Herman Hesse.

NELLY – Vamos sentar? O que o Enzo está fazendo no quarto ainda?

OMAR – Dialoga.

DEL MÓNICO – No bate-papo?

OMAR – Uhum. Está conversando com os amigos.

NELLY – Não são amigos, nem se conhecem.

OMAR – Mas né... Conversam como se se conhecessem.

FANO – São amigos. Essas vozes amigas convertidas em código binário, semipalavras que prevalecem sobre a incômoda instância carnal. Quem dera eu tivesse um milhão de amigos cibernéticos. Vou abrir uma conta, me passar por um menino angustiado, com consciência ecológica, para ver se eu caço alguma coisa boa. *(Apresenta Dai Chi a Omar)* Ela é Dai Chi, minha namorada de carne e osso. *(E depois disso, entra no quarto do Enzo)* Enzo, você não faz uma conta para mim?

OMAR – Oi, prazer.

Dai Chi faz uma reverência e ri estupidamente por um longo momento, o que deixa todos desconcertados. Fala coisas em coreano que parecem ser outras coisas, por exemplo:

DAI CHI – O-to pu-to ca-le-ca.

NELLY – É coreana.

OMAR – Ah. *(Não entende se é uma piada ou é verdade)*

NELLY – Mas é, diz o Fano que ela é coreana, não fala uma palavra na nossa língua.

DAI CHI – Ai ke lo-cu-la.

OMAR – An.

De repente, Dai Chi entrega cartas a todos. Parecem cartinhas de Pokémon.

NARRADORA – Talvez seja bom esclarecer o motivo da inimizade entre Fano e Del Mónico. Eu vou contar como me contaram, mas pode ser que falte alguma informação. Para Ricardo, Fano nunca foi flor que se cheire. É pedante e soberbo. Mas o pior foi o caso dos livros. Em 89, Fano apresentou uma obra de arte na Bienal “Jovens pela Democracia”.

Dai Chi distribui as cartas com determinados personagens, atribuindo uma entidade para cada um. Não dá para entender se é algum tipo de jogo ou outra coisa. Atribui a Omar, Nelly e Ricardo nomes do tipo: “Ka-tok”, “La-ti-na lo-ka”, “Mao Tsé-tung”, respectivamente.

OMAR – Ah, olha que legal.

NELLY – Deve ser um cartão de visita.



OMAR – Com tantos desenhos?

NARRADORA – Todos eram jovens naquela época. E a Democracia também.

NELLY – Ah, o meu é diferente. Que lindos, bem originais.

OMAR – Espera, vou te dar o meu cartão.

Omar pega sua carteira e tira o seu cartão de visita. Dá a Dai Chi. Ela não entende o que recebeu. Agradece com uma reverência. Leva o cartão de Omar à boca.

NARRADORA – Em Berlim, o muro tinha acabado de cair e por todos os lados havia uma efervescência ambígua. Enfim, essa obra foi muito comentada. Saíram resenhas polêmicas nos jornais. Era uma performance, em que o próprio Fano, sentado em um banquinho, lia fragmentos de textos filosóficos e depois os lançava ao fogo.

NELLY – O que está fazendo?

Dai Chi chupa o cartão e descobre que não é comestível. Ri envergonhada. Aponta para as cartas que tinha dado a eles.

NARRADORA – Uma pilha de 200 livros de filosofia. Fano abria as páginas aleatoriamente, escolhia um fragmento, lia para o auditório e logo depois arrancava a folha e jogava em uma lata, em que havia preparado um fogo com carvão e querosene.

DAI CHI – Chu-pa! Bo-ta na bo-ca chu-pa, pu-ta.

OMAR – Ah, devem ser guloseimas.

NELLY – Que original!

Chupam. Durante um momento. Nelly e Omar tentam comer as cartas. Dai Chi faz um sinal para que não comam. Lambe o dorso da mão e depois olha como se estivesse analisando alguma coisa.

NARRADORA – A performance durava o dia inteiro, das 10:00 às 18:00, Fano só fez uma pausa de cinco minutos para comer um pão com linguiça (lanche que foi muito comentado), depois, perto das quatro da tarde, Fano passou a jogar os livros inteiros no fogo, em vez de páginas soltas. Lia os títulos e jogava nas chamas.

DAI CHI – Foto?

Dai Chi tira foto deles chupando as cartas.

NARRADORA – Essas polêmicas fizeram muito bem à carreira de Fano, que entrou imediatamente em certos círculos de arte neoconceitualista. Desde então parou de pintar definitivamente. Nelly jamais entendeu o porquê.

DEL MÓNICO – Isso é papel.

NELLY – Sim, mas deve ser de papel de arroz, ou alguma coisa comestível, parecem guloseimas.

NARRADORA – Instituições culturais do mundo inteiro começaram a encomendar seus trabalhos. Fano conseguiu subsídios, viajou muito. E acabou morando em Zurique. Ou na Basileia.

OMAR – É tipo... mentolado, não?

NARRADORA – O detalhe é que muitos desses livros eram de Del Mónico. Um dia, Fano chegou na casa de Nelly e Ricardo, e não sei ao certo se pediu emprestado uns livros de sua biblioteca, ou se levou sem perguntar mesmo. Nunca disse que ia queimá-los. Quando Del Mónico soube, ficou muito irritado.

Dai Chi quer tirar uma foto de Del Mónico, mas ele se nega.

(...)

FANO – Ricardo, queria te pedir desculpas.

DEL MÓNICO – Uhum sei... vamos lá, isso me interessa.

FANO – Bom... por causa dos livros.

DEL MÓNICO – Diga...

FANO – Eu... bom, é isso. Desculpa.

DEL MÓNICO – Só isso? Ou seja... se, no caso, eu não te desculpar, então saio deste Natal como o grande filho da puta. É pra isso que você veio?

FANO – Não exatamente. O que acontece é que minha irmã acabou de colocar as coisas de uma maneira que realmente parece que eu queimei seus livros, como se eu fosse um grande insensível sem coração.

DEL MÓNICO – É porque foi exatamente isso o que aconteceu.

FANO – Hum. Foi uma obra de arte.

DEL MÓNICO – Para quem? Para a cultura? Para a bienal?

FANO – Vai dizer que você gostava tanto assim desses livros?

DEL MÓNICO – Adorava!

FANO – Não tivesse me emprestado.

DEL MÓNICO – Mas eu não emprestei! Tá vendo? Vai começar tudo de novo.

FANO – Me emprestou sim. *(Para Omar)* Ele me emprestou!

DEL MÓNICO – Não emprestei nada! Você nem me falou o que ia fazer com eles.

FANO – Lógico. Nem eu sabia o que ia fazer. O que fiz foi pegar, ler, folhear e então tornar seus livros eternos. Na época ainda era possível causar escândalo com atos legíveis, Omarzinho. *(Para Del Mónico)* Olhando por outro lado, coisa que você, por conta da sua situação pessoal e afetiva, claramente não consegue, a culpa não é minha, e você poderia até me agradecer.

DEL MÓNICO – Chega. Não quero discutir.

FANO – Só porque não quer perder a discussão. Eu já pedi desculpas e dá pra ver que... não sei... não tá sendo fácil pra mim. Você bem que podia me agradecer, não acha?

DEL MÓNICO – Será que eu sou o único que está percebendo que essa situação está ficando desagradável?

FANO – Desagradável? E desde quando temos que agradar? Nem todo mundo pode ser agradável. O mundo está cheio de contradições. O mundo não é o mundo, mas a construção ideológica de “um” mundo. E quem manda nessa lógica é o capital, o dinheiro.

DEL MÓNICO – Nem todos os mundos são assim.

Este material pode ser usado e compartilhado de acordo com os parâmetros CC by 4.0. Veja mais informações em:

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



Referências

SPREGELBURD, Rafael Adrián. Todo. Buenos Aires: Atuel, 2011.

SPREGELBURD, Rafael Adrián. [mensagem acadêmica]. 26 set. 2025 [para]
(removido para preservar a avaliação cega)